

Educomunicação e processos de autoria

Grácia Lopes Lima

Instituto GENS de Educação e Cultura

Projeto Cala-boca já morreu-porque nós também temos o que dizer!

Resumo

O que faz com que, paradoxalmente, um número considerável de pessoas que frequentaram a escola apresentem tanta dificuldade para escrever e falar com palavras próprias? Por que usam tanto o “ctrl c/ctrl v” do teclado do computador, ou o seu equivalente, o “compartilhar” do facebook, a mais acessada rede social do momento? Que outros fatores, além da educação escolar, estariam contribuindo para a formação de gente tão insegura (ou fraca), sobretudo repetidora do que dizem os outros? Que relações podemos estabelecer entre educação, comunicação, tecnologias, processos de autoria e educomunicação?

Palavras chave:educação, comunicação, tecnologias, educomunicação, autoria

Introdução

Não são poucas as reclamações ouvidas em sala de professores da educação básica, e mesmo do ensino superior, sobre a baixa qualidade de trabalhos escolares que lhes são entregues. Queixam-se dos textos que não passam de cópia do que os alunos encontram em sites da internet, trabalho facilitado (dizem) pelas teclas “ctrl c/ctrl v” do teclado, ou seus equivalentes em equipamentos mais modernos. Sentem-se ofendidos, desrespeitados até, com esse comportamento que confirma se repetir em todas as disciplinas da grade curricular.

Por que a cópia realizada pelos mais novos incomoda tanto os mais velhos? Por que depositam neles tamanha ira? Por outro lado, por que são mais complacentes com os seus iguais, gente da mesma idade que, se observados mais atentamente, também são muito pouco ou quase nunca originais?

Uma das explicações possíveis é a de que os velhos sabem, mesmo não conscientemente, que uma das características da natureza humana é a capacidade de criação, a propriedade de gerar algo novo. Sua indignação contra os mais novos expressaria no fundo uma vontade de retorno do que já foram um dia, de resgate do que diminuiram ou perderam com o tempo.

Que fatores contribuiriam para que diminuísse o potencial criador das pessoas? Um deles, inegavelmente, tem a ver com o tipo de escola e de professores onde um número cada vez mais crescente de crianças e jovens passa muitos anos de suas vidas.

Como esperar que os alunos demonstrem habilidade inovadora, se ao realizarem uma pesquisa ou uma redação, já sabem de antemão que seu trabalho será tão somente visto por um receptor imbuído da função fiscalizadora, um especialista em vigiar e descontar pontos a cada erro gramatical encontrado?

As letras, “esses tracinhos tão miúdos capazes de fazer todo mundo entender a mesma coisa!”¹, raramente gera reflexão e conversa entre quem escreveu e quem leu.

Escrever, essa grandiosa possibilidade de imprimir ideias e sentimentos num determinado tipo de suporte e através dele construir uma relação de intimidade entre leitor e escritor, infelizmente, continua não fazendo parte do cotidiano da sala de aula.

Porém, para não sermos ingênuos ou injustos, reproduzindo a herança judaico-cristã que nos marca até as entranhas de culpabilizar e condenar alguém sempre que algo nos incomoda, vejamos mais de perto dois pontos que podem contribuir para entender que o professor não é o único responsável pelo que idealmente esperamos que a escola faça para que os meninos e meninas desenvolvam sua capacidade criadora².

Em seguida, vejamos uma das possibilidades de mudança dessa realidade, a partir das contribuições da Educomunicação para o desencadeamento de processos de autoria.

1. Formação inicial de professores

Em que pese a incontestável falta de valorização dessa categoria profissional, as más condições de trabalho, o número excessivo de alunos em sala de aula, não é possível, contudo, dissociar a parca inventividade dos alunos do modo com se dá a formação do professor, especialmente no tocante às questões de ensino da língua materna.

Como exigir que o professor forme cidadãos conscientes e capazes de exercer seus direitos, como preconizam a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e os Parâmetros Curriculares, se os cursos de pedagogia, em sua maioria, não se pautam no exercício crítico do pensamento, na língua como expressão de culturas?

Embora proclamem o fim da cartilha, os futuros professores continuam aprendendo a não conceber a língua como “viva, dinâmica, que varia no espaço e muda com o tempo”³, mas antes, como um conjunto de regras normativas, rígidas, introduzindo ou reforçando, assim, a aversão a todos os modos de falar e escrever que escapem do considerado certo ou oficial.

Os cursos de formação ensinam a dar valor apenas à palavra escrita, como se a oralidade não existisse como forma de expressão humana...Pararam no tempo, ao não introduzirem as tecnologias digitais como difusoras do conhecimento acumulado pela humanidade, como se, tal qual na antiguidade, ele circulasse somente em suporte⁴ celulose.

¹Alusão ao músico Tom Zé durante entrevista concedida ao Programa Roda Viva, da TV Cultura, no qual comenta sua descoberta sobre a magia do alfabeto, quando entrou no 1º ano primário (o trecho localiza-se entre 1:07:40 e 1:10:32, disponível neste endereço <http://youtu.be/JFP5FnAm3QQ>)

² Filmes como “Ao mestre com carinho”, do estadunidense James Clavell, estrelado por Sidney Poitier, em 1967 e “Nenhum a menos”, produção chinesa de Zhang Yimou, estrelado por Wei Minzhi, em 1999, novelas como mexicana, “Carrocel”, de 1989, inspirada nos “Cuentos de Jacinta Pichimahuida” (já reprisada por 3 vezes pelo SBT – Sistema Brasileiro de televisão), difundem um discurso perverso. Longe de enaltecer o professor (ou o amor que eles manifestam pelos alunos), depõem contra todos os profissionais da educação, ao apontar que a qualidade do ensino estará resolvida se a escola contar com um professor sensível, amoroso e abnegado.

³ Trecho da entrevista do linguista Marcos Bagno concedida a Walter Pinto, no Jornal da Universidade Federal do Pará sobre a “Luta contra o preconceito linguístico”, disponível em <http://www.ufpa.br/beiradorio/novo/index.php/2012/141-edicao-109--novembro-e-dezembro/1408-entrevista-luta-contra-o-preconceito-linguistico> . Acesso: 29 de maio de 2013.

⁴ Empregamos o conceito de suporte definido por Luiz Antonio Marcuschi, como o lugar de impressão, o espaço físico ou virtual de inscrição de textos escritos e/ou sonoros. Livro e revista, por exemplo, são exemplos de suporte à base de celulose. Já as telas de computador, tablet, celular, entre outros, são suportes de leitura e escrita virtuais.

Hoje, as informações circulam também em telas de diferentes formas e tamanhos, incluindo as de pequenos aparelhos celulares, em diferentes gêneros e formatos: livros clássicos apenas em áudio, comentários críticos sobre artes, política, economia, cultura, entre outros, em formato de blogues ou mini blogues que interagem com os leitores em tempo real.

Os mesmos recursos de acesso à informação (entenda-se leitura de informação) igualmente existem para a criação de conteúdo (entenda-se escrita de informação). Um mesmo aparelho telefônico móvel permite ao usuário redigir, de recado amoroso a uma petição popular em favor de uma causa social. Sem contar que esses recursos tecnológicos atuais permitem escrever mensagens, exigindo que o sujeito domine gramáticas específicas para a produção de vídeo (um tipo de texto) ou de mensagem sonora (outro tipo de texto⁵).

Diante dessa nova realidade, como exigir que professores formados por cursos que continuam ignorando que são os usos sociais da escrita no mundo contemporâneo que determinam as tecnologias de leitura e escrita atuais?

Formadores de futuros professores esquecem que computador e internet são apenas substitutos (ou atualizações) de uma lista imensa que inclui o carvão, a caneta tinteiro, o mata borrão, a borracha, o lápis, entre outras tantas tecnologias.

Não se lembram que já houve um tempo em que se usavam as duas mãos para esculpir (escrever) mensagens em cavernas. Depois, a prática social exigiu (ou impôs, melhor dizendo) apenas o uso de uma delas (de preferência a direita). Agora, além de escrever e ler em papel, usando as duas mãos (uma para segurar o suporte e outra para inscrever as palavras), são as pontas dos dedos que servem tanto para receber como para fazer circular informação. Quem suporia, há uns cinco anos atrás, que o polegar seria o dedo mais usado para grafar?!

Como exigir que professores entendam essas questões, se elas não se configuram como objeto de estudo de disciplinas que compõem os cursos de pedagogia? Mesmo que as práticas sociais de leitura e escrita contemporâneas, hoje sejam conhecidas conhecidas (quando não usadas) até por crianças que acabaram de sair das fraldas?

Como cobrar deles que estimulem seus alunos a usar essas novas tecnologias de comunicação de forma criativa e autoral e não apenas como meros reprodutores do que encontram pronto disponíveis na internet, se eles próprios não conhecerem e utilizarem essas ferramentas no seu processo formativo? Se eles próprios não forem envolvidos em práticas que os coloque à procura de suas próprias formas de dizer o que querem e precisam falar?

2. Meios de comunicação – um tipo de “escola paralela”

Não tem jeito: assim como existe “fumante passivo”, aquele que fuma indiretamente por conviver com fumante, não há quem possa dizer não ver tevê, não saber o que mais circula em determinados sites ou pelas redes sociais. Isso porque, esses meios de comunicação, cada vez mais acessíveis, compõem o conjunto de práticas sociais do momento, ao menos nos grandes centros urbanos.

Dados⁶ do mesmo mês de concepção deste artigo (maio de 2013), por exemplo, revelam o crescimento de usuários da internet no Brasil, através do celular. Esse equipamento, outrora somente destinado à emissão e recepção de som, hoje passa a ser usado por mais de 52 milhões de

⁵ Texto é toda forma de manifestação da linguagem passível de leituras.

⁶ A informação completa encontra-se em <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/52-milhoes-de-pessoas-tem-acesso-a-web-pelo-celular-aponta-ibope-media.aspx> Acesso em 2 de junho de 2013.

peças para as variadas situações, desde “conversar com amigos (76%), ler e enviar emails (75%), se inteirar das últimas notícias (64%), saber as novidades do cenário musical (47%) ou assistir vídeos (44%)”, dentre os quais, sem dúvida, o capítulo perdido da novela, de um programa ou série favorita.

Ou seja, os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação passaram a fazer parte da agenda diária das pessoas. O movimento do sol, da lua, ou do relógio deixaram de ser as únicas referências para determinar horários de eventos cotidianos (não há que quem diga que só dorme “depois da novela das 9” ou, então, “não sem antes dar uma última olhadinha no que rola no face”?)

Assim, os que diretamente acessam esses meios de comunicação, transformam o que leram, viram e/ou ouviram em motivo de conversa descontraída ou mais acirrada, quando o assunto é polêmico. E, como somos todos seres sociais, isto é, convivemos com pessoas, vamos nos inteirando, mesmo que sem querer, de tudo que é difundido por eles.

Quê tipo de relação estabelecer entre essa realidade e o tema deste texto? O que isso tem a ver com aluno, professor, escola, processos de autoria?

Os meios de comunicação social (rádio, televisão e internet), embora não possam ser considerados como “espaços educativos”, como são a casa e a sala de aula, tampouco atribuem-se a função de educar, tal qual familiares e profissionais da educação, inegavelmente, também exercem ascendência sobre quem com eles convivem, diuturnamente. Por esse motivo, eles influenciam no modo de pensar, sentir e agir das pessoas, podendo ser considerados como uma espécie de “escola paralela” que também educa.

Imagens do dia a dia servirão para ilustrar essas afirmações. Quem nunca presenciou criança pequena, ao acompanhar as compras em supermercados ou shoppings, pedindo (ou esperneando até conseguir, vencendo pelo cansaço) bolacha, achocolatados ou qualquer outra coisa que queira pelo que está escrito na embalagem ou pelo personagem que nela aparece? Com quem ela aprendeu, se não nasceu com a cabeça pronta e, em sã consciência, nenhum adulto com quem ela convive, ensinou a designar o nome da coisa, senão pelo seu conteúdo? Se o contrário acontece, é porque também esse adulto incorporou ao seu vocabulário o que aprendeu, mesmo sem perceber.

E o que dizer do tanto de latinha de cerveja na mão de jovens em plena luz de meio-dia ou fim da madrugada? O que teria acontecido para que mudasse o objeto, símbolo do rito de passagem para a idade adulta, até que fossem proibidos os anúncios publicitários de cigarros?

Como entender que as mulheres tenham deixado de sentir vergonha de seus peitos grandes até que algumas personalidades famosas exibissem o novo padrão de beleza? Ou ainda, o que dizer dos homens que passaram a usar camisas coloridas, incluindo rosa, se antes essa era uma opção exclusiva para roupa feminina?

Nessas pequenas mudanças de comportamento estão incorporadas ideias difundidas especialmente pelos meios de comunicação, que vão influenciando (em graus variados, é evidente!), o que a sociedade deve valorizar, bem como também o que não deve dar valor.

Tudo isso se agrava, se considerarmos que em nosso país, à revelia da lei⁷, a comunicação encontra-

7 O vídeo “Levante sua voz”, direção de Pedro Ekman, produção do [Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação](#)

se sob o controle de apenas alguns grupos empresariais. Compreensível, pois, que toda a programação contrarie qualquer ideal de formação de receptores críticos, menos vulneráveis a jogos de interesse.

Desde a mais tenra idade, os olhos espectadores são desviados para longe de onde estão. As ruas e pessoas de suas localidades somente aparecem nas telas, caso configurem fatos espetaculares que garantam aumento da audiência e, conseqüentemente, do valor dos anúncios veiculados dentro ou nos intervalos dos programas.

De tanto acompanhar, admirar e valorizar a vida de atores, cantores, apresentadores, esportistas (todos meros “cabides” para exposição de produtos materiais e simbólicos definidas pelo mercado), não causa espanto que pessoas comuns riem, debochem de seus iguais. Aliás, dentre as causas da violência física ou psicológica, hoje chamadas de “bulling”, na maior parte das vezes está a aparência física da vítima, fora dos padrões.

Ora, como desenvolver com facilidade a capacidade de criação, a ousadia para negar o arremedo, diante de tamanho incentivo à reprodução do mesmo?

“Porém, e sempre tem um porém”, como dizia o dramaturgo Plínio Marcos, se somos, por essência, seres de criação, se a capacidade de criar é marca da natureza humana e, portanto, não se extingue, apenas diminui pela falta de cuidado e zelo pelo que nos é mais precioso, é possível seu resgate.

Educomunicação e processos de autoria

É irreversível o ritmo acelerado de aperfeiçoamento das tecnologias digitais, bem como o de modernização e barateamento de redes de banda larga. A publicidade, por seu turno, vem se encarregando com eficiência, de aumentar o desejo pela aquisição de dispositivos cada vez mais portáteis e atraentes – todos conectados à web, capazes de gerar e transferir conteúdos escritos, sonoros e imagéticos em tempo real.

Assim como para a homeopatia⁸, “as substâncias da natureza têm a potencialidade de curar os mesmos sintomas que são capazes de produzir”, as tecnologias de comunicação podem contribuir para o desencadeamento de processos de autoria, desde que invertamos o tipo de relação que até aqui apontamos entre usuários e os meios de comunicação.

Em vez de só receberem informação (ou repetirem o que encontram pronto, a exemplo do “compartilhar” do facebook), as pessoas precisam passar a produzir comunicação, como assim fez o uruguaio Mário Kaplún⁹, ao criar o que chamou de método “cassete-fórum”, um intercâmbio entre trabalhadores, via gravador e fita cassete (tecnologias dos anos de 1970), que possibilitou entenderem que, embora distantes fisicamente, viviam sob as mesmas condições de exploração e miséria.

Ou seja, os meios de comunicação quando usados para que grupos de pessoas comuns digam o que

Social, disponível em <http://vimeo.com/7459748> possibilita saber mais sobre a concentração dos meios no Brasil e o direito à comunicação.

8 Para saber mais sobre os princípios da homeopatia, assista ao vídeo da BBC, disponível em <http://youtu.be/cjgpEfs2-pY> Acesso em 30 de maio de 2013

9 As idéias de “MARIO KAPLÚN: fenômeno latino da comunicação educativa” podem ser encontradas em <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista4/perfis%204-2.htm> Acesso em 27 de maio de 2013.

sentem e pensam, do seu próprio jeito, participando ativamente de todas as etapas de produção de mensagens, podem se transformar em ferramentas para o fortalecimento e a autonomia desses indivíduos.

No grupo, cada envolvido no processo coletivo de produção de comunicação, na perspectiva da Educomunicação (para nós sinônimo de “educação pelos meios de comunicação”), pode como um garimpeiro, procurar entre tantas, as palavras que são suas e, no diálogo com o outro, montar textos de sua própria autoria.

Não há autoria sem um intenso envolvimento desse alguém que busca ser autor (do latim auctor, ōris 'o que produz, o que gera, faz nascer, fundador, inventor') com algo que deseja e se põe, cuidadosamente, a realizar.

Do reconhecimento da sua capacidade de pensar por si mesmo, associado ao prazer que sente enquanto cria, resulta um trabalho (um produto) que possibilita ver-se (reconhecer-se) naquilo que produz.

Não à toa, autoria associa-se aos termos criação e cria, do qual deriva “criança”, o ser capaz de brotar e crescer. Tal como a cria nasce da relação entre dois, a criação e a autoria resultam de um processo complexo: embora individual, nenhum deles é possível sem a presença de um outro¹⁰.

Nas produções coletivas de comunicação, na perspectiva da Educomunicação, os processos (mais importantes que os produtos) são preciosos, exatamente, porque possibilitam ao participante o reconhecimento de si no texto produzido, quer com palavras escritas, faladas, imagéticas.

Ao entrar em contato com o produto criado, esse participante, mesmo sem querer, relembra o tempo em que criava e sentia prazer por inventar, por descobrir o que por anos, dada a sua conformação, instituições como a escola o fazem acreditar que ele já não mais poderia: expressar-se por si mesmo...

Quando professores, em seus cursos de formação puderem entrar em contato com essas questões e puderem, eles mesmos, tecer considerações a partir da vivência de produção coletiva de comunicação, na perspectiva da Educomunicação, maiores serão as chances de também eles retornarem ao que já foram um dia, de resgatarem o que diminuíram ou perderam com o tempo.

BIBLIOGRAFIA

LOPES LIMA, Grácia. Educação pelos Meios de Educação-produção coletiva de comunicação. São Paulo: Instituto GENS de Educação e Cultura. 2009, disponível em <http://www.portalgens.com.br/livroeducucomunicacao/home>

_____. Educomunicação na Escola, disponível em http://portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educucomunicacao_na_escola.pdf

10 Criança, esse ser de criação por excelência, que se coloca inteira no que pensa e faz, por isso se alegra e chora com intensidade, neste [vídeo Processo](#), ilustra o que chamamos de processo de construção de autoria. Nele, um bando de pequenos criadores, sob a coordenação de uma mulher, com a sensibilidade que o trabalho exige, produz coletivamente um programa de rádio, na perspectiva da Educomunicação. Do envolvimento de cada um consigo, com a co-laboração de todos, inclusive da menina que intensamente fala com os olhos e gestos, mas não com a palavra falada, nasce “um menino elegante”.

SOARES, Donizete. Educomunicação, o que é isto?, disponível em http://portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educunicacao_o_que_e_isto.pdf

_____. Educomunicação – dimensão social e política, disponível em http://portalgens.com.br/portal/images/stories/educunicacao/Educunicacao_dimenso_social_e_poltica/Educunicacao_dimenso_social_e_poltica.pdf

_____. Educomunicação não é metodologia, disponível em http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/educunicacao_nao_e_metodologia.pdf

_____. Educomunicação não é profissão, disponível em http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/educunicacao_nao_e_%20profissao.pdf